

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento da Rio Solidário – Obra Social do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro-RJ, 07 de março de 2007**

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro, e sua companheira Adriana Ancelmo,

Minha companheira Marisa,

Nilcéa,

Secretários de Estado,

Ministros aqui presentes,

Convidados,

Empresários e empresárias,

Senadores,

Meus amigos da imprensa,

Adriana, uma participação na vida política do País começa assim. Normalmente, as pessoas começam dizendo “eu não vou fazer nada, eu não quero fazer nada”, e depois do primeiro discurso, não tem mais fim. O que eu acho importante é todos nós, que estamos aqui, termos consciência de que houve um acúmulo de problemas no Brasil ao longo de tantos e tantos anos e o Estado não tem mais condições de resolvê-los. É importante ter coragem de dizer isso, como presidente da República, na frente de um governador de estado e na frente de tantos prefeitos. O acúmulo causado pela irresponsabilidade de tantos e tantos anos, em que autoridades viraram as costas para os reais problemas deste País, traz à nossa geração de governos a responsabilidade de fazer uma coisa que poderia ter sido feita há 30 anos, 40 anos. Portanto, o estoque de problemas é muito grande e a solução é, normalmente, muito difícil.

Quando a Adriana vem aqui pedir para que os empresários contribuam porque o Estado não tem o dinheiro para fazer, é a mais pura verdade. O Estado não tem dinheiro para fazer porque o Estado também não foi preparado para fazer essas coisas. Todos nós queremos pagar menos impostos e todos

nós queremos melhores serviços, e é incompatível essa dádiva de Deus, de menos impostos e mais serviços, as duas coisas não batem. Quando alguém fala: eu quero transporte bom e de qualidade, barato, não existe. Eu digo isso porque aqui tem muitos prefeitos que, nos discursos, prometeram isso a vida inteira. Tem presidente da República, tem governadores, e na hora dos discursos, de escrever os programas, tudo é mais fácil do que executar.

Entretanto, o que nós assistimos aqui, neste pequeno documentário, é uma realidade que não atinge apenas as camadas mais pobres da população, é uma realidade que perpassa todos os segmentos sociais. Apenas alguns se permitem sair no noticiário porque, normalmente, no meio da classe alta brasileira, isso não chega até a televisão ou não chega até a imprensa. Mas esse problema da violência contra a mulher acontece em todos os segmentos da sociedade. Tem mulher rica apanhando de marido rico, tem mulher de classe média apanhando de marido de classe média e tem pobre apanhando de pobre.

Eu estou dizendo isso para também chegar a um segundo fator importante, Sérgio: a solução definitiva desses problemas vai acontecer no dia em que as mulheres brasileiras tiverem conquistado a sua independência e cidadania. No meio dos pobres, a mulher fica dependente do marido. Às vezes, ela tem dois, três, quatro filhos; às vezes ela não trabalha; às vezes é uma mulher pobre que veio de um outro estado e mora sozinha aqui, no Rio de Janeiro; às vezes trabalha de empregada doméstica. Além da dupla jornada, ainda tem a terceira jornada, que é apanhar do marido. E muitas vezes não se queixa porque não sabe para onde vai, muitas vezes não se queixa porque pensa que o Estado não tem como lhe dar proteção e ela vai apanhar no dia seguinte.

Portanto, a combinação da criação de mecanismos legais que protejam as mulheres e ações como esta, que começa pequena mesmo, Adriana, mas pode ficar certa de que vai crescer e, certamente, nós vamos inaugurar muitos centros como este. Na hora em que as pessoas perceberem que têm um instrumento que dá a elas a garantia de fazer a denúncia que têm que fazer, e na hora em que elas perceberem que o cidadão que agrediu a companheira vai ser preso, que a punição não será ele dar uma cestinha básica para pagar o prejuízo, e ele pegar três anos de cadeia, ele vai perceber que vai ter que ser

mais leve. Ele vai perceber que a mão do homem não foi feita para bater em mulher, e a mulher vai perceber que o rosto dela não foi feito para apanhar de homem. Com a punição, ele vai diminuir os seus ímpetos e ela vai se tornar muito mais independente, com a garantia que nós oferecermos para ela. Daí porque um centro deste é de extrema importância para que as mulheres comecem a sentir que elas têm agora a quem recorrer no momento de desespero.

A terceira coisa que nós precisamos ver, eu dizia para o Sérgio, é que no mundo desenvolvido, certamente, isso tem menos incidência do que no Brasil. Porque tem uma coisa ligada à questão da educação, tem uma coisa ligada à questão da independência econômica da mulher, da educação do homem, do costume da cultura, que foi evoluindo ao longo do tempo, e no Brasil nós ficamos parados.

Eu queria dizer uma coisa para vocês. Logo que terminaram as eleições aqui, ou ainda durante a campanha, o Sérgio se aproximou de mim e me apresentou ao senador Dornelles, que eu conhecia muito mais pela imprensa do que por contato pessoal. O Dornelles é um homem que já teve muitos cargos públicos no Brasil, é parente do Tancredo, é parente do Getúlio, já foi secretário da Fazenda, já foi ministro, já foi secretário da Receita Federal. Eu peguei um depoimento do Dornelles que marca, para mim, a certeza de que todos nós, antes de morrer, temos chance de mudar de comportamento e, de preferência, mudar para melhor. O Dornelles me dizia o seguinte: “Presidente, eu saio desta campanha com a maior lição de vida que eu pude ter como homem público. Porque eu já fui muitas vezes ocupante de cargos públicos importantes, mas eu não tinha dimensão do que é a pobreza nos grandes centros urbanos da cidade do Rio de Janeiro, onde eu moro há tanto tempo”. E foi nessa campanha que ele adentrou pelos grotões desta cidade.

E, de repente, a gente percebe que a poucos metros da beleza da praia de Copacabana, ou a poucos metros da riqueza da avenida Paulista, em São Paulo, ou a poucos metros de qualquer rua mais importante de qualquer estado, de qualquer cidade, ali bem próximo está o mundo cão que todos nós condenamos, está o mundo perverso que todos nós condenamos, e que nós poderíamos ter começado a resolver há 50 anos. Nós não alfabetizamos o Brasil no tempo certo, nós não fizemos a reforma agrária no tempo certo, nós

não criamos os instrumentos legais que dessem sustentabilidade à cidadania das pessoas nos tempos legais, nós fomos o último país do continente a ter uma universidade. Ou seja, nós estamos sempre andando atrás de outros países e atrás da própria história.

Hoje, todos nós estamos convencidos de que a sociedade civil tem que ser cúmplice das boas parcerias que os governos fazem. De manhã, no Encontro das Mulheres, eu disse um dado, dona Lili: 30% das meninas de 15 a 17 anos deste País, que estão fora da escola, são meninas que tiveram filhos. Estão fora da escola porque tiveram filhos, 30% das meninas de 15 anos. Portanto, essas mulheres estão predestinadas a ter uma vida mais sofrida do que as outras.

Ao mesmo tempo, nós temos 2 milhões e 400 mil jovens em idade escolar que já desistiram de estudar. E quando alguém desiste de estudar é porque a pessoa não sente estímulo na escola. Então, não indo à escola, a pessoa pode resultar num homem agressivo, numa mulher que apanha do marido. Resolver isso, meus amigos e minhas amigas, é uma tarefa maior do que o Estado brasileiro, do que o estado do Rio de Janeiro ou do que as cidades individualmente podem resolver.

Somente uma parceria ente os três entes federativos e uma parceria muito forte com a sociedade civil pode permitir que, nós próximos 20 anos, nós acabemos com as mazelas criadas nos últimos 40 ou 50 anos neste País. Neste País, durante muitas e muitas décadas, citar essas coisas que vocês mostraram em documentário aqui, era ser chamado de comunista, as pessoas não aceitavam essa discussão. Você dizer que tinha muito pobre, era ser agredido de comunista, de subversivo.

Graças a Deus, nós conquistamos espaços políticos, a democracia se fortaleceu, a mulher de hoje não é mais submissa como a mulher de ontem. Ela está levantando a cabeça, ela está conquistando o direito, e eu acho que é isso que vai permitir, Adriana, que daqui a pouco a gente tenha 10, 15, 20 ou 30 Centros. Eu também não quero muitos, não, porque eu acho que um dia precisaremos começar a refluir, porque as mulheres não apanharão mais dos maridos e, portanto, não vamos precisar.

Governador e Adriana, eu quero dizer para vocês: naquilo que depender do governo federal, seja através da companheira Nilcéa, seja através do

companheiro Patrus ou através de um ministro que possa fazer essa transversalidade com o governo estadual, nos tenham como parceiros porque, senão, quem vai apanhar sou eu.

Muito obrigado, gente.